

Mídia, Educação e Leitura

Maria Inês GHILARDI-LUCENA
PUC-Campinas

Ao comemorarmos 30 anos de COLE – Congresso de Leitura do Brasil – e 10 anos de nossa participação nos seminários de Mídia, Educação e Leitura¹, reunimos alguns dos resumos apresentados nos encontros que coordenamos. A temática, cada vez mais interessante, despertou interesse em alunos, educadores e pesquisadores de diversos Estados e Instituições de Ensino brasileiras. O aspecto mais recorrente ao longo dessa jornada de estudos e pesquisas foi o entusiasmo de convidados, comunicadores e demais participantes dos seminários que discutiram as questões da interface entre mídia, educação e leitura.

Registrar a história do seminário é manter viva na memória a vontade de aprimorar as formas de ler a produção midiática e de refletir não somente sobre os problemas decorrentes do mau uso dos modernos recursos tecnológicos da sociedade, mas também sobre as soluções advindas da criatividade e do esforço dos participantes do cenário proporcionado pela inserção das novas tecnologias na vida cotidiana. A infraestrutura das telecomunicações, o impacto das mídias digitais, a multimídia, as experiências em teleeducação e as perspectivas de inclusão digital e social apontam para um desenvolvimento veloz da era da comunicação e indicam a necessidade de a escola acompanhar tal desenvolvimento.

O uso do computador, da Internet, da televisão e de outros recursos tecnológicos na escola traz benefícios sociais, políticos e econômicos para a sociedade. O papel das novas tecnologias é o de transformar o mundo. É impossível imaginar a vida, daqui para a frente, sem o uso dos modernos recursos tecnológicos. Saber utilizá-los é obrigação dos cidadãos. Sob muitos aspectos, isso significa descentralização do poder, desde, é claro, que se saiba como usufruir dos benefícios que as novas tecnologias proporcionam. Significa, também, o desaparecimento de fronteiras entre segmentos outrora distintos da sociedade e das próprias mídias. A tendência futura é que ocorra uma fusão de meios de comunicação.

Não faz mais sentido falar em meios de comunicação – imprensa, rádio, TV, cinema, telefone, internet, multimídia ou computador – como se eles fossem coisas totalmente autônomas ou diferentes. (...) Multimídia (...) abrange todos os formatos de informação e comunicação e adiciona um recurso essencial: a interatividade (Siqueira, 2007: 33-34).

A era em que vivemos tem como centro a informação, o conhecimento e a comunicação. Daí a importância da interatividade. Nesse mundo que se move com alta velocidade, o papel da escola e dos educadores deve mudar em relação ao de tempos

¹ Os Seminários *Mídia, Educação e Leitura* iniciaram-se em 1995, no 10º COLE. Coordenamos o evento desde 1999. Em 2009, em novo formato geral, coube-nos a organização de uma mesa-redonda sobre o tema. Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos convidados (de palestras e mesas) e comunicadores desses anos e àqueles que nos convidaram para a organização.

passados. É inegável a importância de refletirmos sobre temática tão atual e fundamental para a educação.

Vamos, então, a fragmentos de alguns dos resumos (com exceção do congresso de 1999), transformados, aqui, em subtítulos.

IV Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura, 2001

(...) Poderemos refletir e trocar experiências sobre as linguagens dos meios de comunicação que interligam o planeta em suas redes transmitindo informação. Vídeo, rádio, jornal e internet vão se incorporando mais e mais ao cotidiano urbano de todos os segmentos sociais. As representações e as concepções de leitura ganham novas dimensões, muitas das quais ainda pouco conhecidas e analisadas. Este encontro falará sobre publicidade, jornal, televisão, computador e proporcionará, portanto, aos participantes, o debate sobre os meios de comunicação em suas modalidades: visual, editorial, tecnológica, como forma de percepção, leitura e expressão, tanto nas práticas escolares quanto nos ambientes sociais mais amplos. (...)

O grande desafio da escola deste novo milênio é preparar cidadãos-leitores, de cuja formação os meios de comunicação fazem parte. Ler o discurso da mídia é condição para a inserção do sujeito na sociedade e na História de seu tempo.

O acesso à leitura – um bem cultural – deve ser oportunizado a todos os cidadãos. Ler a palavra escrita, a palavra oral, a palavra não-dita, implícita no contexto ou em uma imagem, e depreender o sentido que emana de fatores lingüísticos e extralingüísticos torna-se prioridade na escola e fora dela. O analfabeto, hoje, não é simplesmente aquele que não sabe ler ou escrever, mas o que não compreende os textos que o circundam (Ghilardi, 1999: 107).

A escola, portanto, deve cumprir seu papel de formadora de leitores e, para isso, não dispensar a colaboração que os meios de comunicação podem dar. (...) A cada debate promovido, novos caminhos surgirão e provocarão a necessidade de novas discussões. O importante é a troca de experiências e o momento de reflexão sobre o trabalho realizado.

V Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura, 2003

(...) Propomos a reflexão e o debate sobre as linguagens dos meios de comunicação. (...) A discussão destacará o importante papel da imprensa na formação da cidadania, na formação de opinião, mostrando que não basta levar o jornal para a sala de aula para ter a garantia da formação do leitor crítico. A apresentação de trabalhos de pesquisa com análise de diferentes tipos de veículos da mídia, sobretudo o jornal, a revista e a televisão poderá dar um caminho de reflexão e ação àqueles que se interessam pelas questões educacionais. A relação entre o computador, a Internet e a educação também será alvo de debate, visto que, por se tratar de uma área em crescimento e com muitas novidades a cada momento, as discussões não findam e apontam a necessidade de muitos encontros para a troca de experiências.

A mídia e o ensino devem caminhar juntos para que a educação melhore e os alunos tenham uma visão mais crítica da realidade. Considerando que os meios evoluem e modificam-se rapidamente, a reflexão deverá caminhar no sentido de ajustar as relações entre as instituições de ensino e os modernos recursos midiáticos.

Se o jornal tem auxiliado muito no processo educativo, proporcionando a possibilidade de leitura crítica de seus textos, com a televisão poderá ocorrer o mesmo, e ainda ampliar-se o rol de gêneros de textos a serem estudados, pois esse veículo contém a imagem em movimento, além da palavra, formando um conjunto intersemiótico para ser lido e estudado.

Quanto à Internet, fenômeno mais recente, seu uso vem trazendo uma nova discursividade, uma nova linguagem que, é lógico, também necessita de estudos e discussões para que se possa conhecê-la e tirar proveito para o trabalho pedagógico. Ela está se tornando cada vez mais necessária para todos, como o telefone e o automóvel e poderá mudar substancialmente muitos dos nossos hábitos; ela chegou para transformar a nossa história. Seu uso cresce tanto que os textos virtuais terão (até já estão tendo) outros suportes que não o computador pessoal daqui a pouco tempo: telefone celular, televisão ou algum outro utensílio.

Os participantes do Encontro certamente tratarão de temas bastante diversificados como: texto publicitário, jornalístico, jornal na sala de aula, televisão, cinema, leitura do texto impresso e da imagem visual, uso do vídeo e do computador como recurso pedagógico, novas tecnologias aplicadas à educação, gênero discursivo, processo de compreensão, música, brincadeiras e jogos na sala de aula. Estarão reunidos para essa ampla discussão, principalmente professores do ensino fundamental e médio das redes particular e pública, professores do ensino superior, bem como estudantes de pós-graduação, profissionais da mídia, como jornalistas, publicitários, e interessados em questões midiáticas e educacionais desta época em que a velocidade não permite a acomodação dos participantes de todos os setores da sociedade. (...)

A busca de soluções para os problemas das escolas que não conseguiram acompanhar a evolução dos tempos e tirar proveito das relações com a mídia deve ser coletiva, mas o esforço individual conta muito, neste momento.

Falar em mídia, pensar em mídia, 2005

Uma das características mais marcantes do mundo atual é a influência dos meios de comunicação de massa (mídia) na vida cotidiana. Há algum tempo estamos debatendo sobre as relações entre a produção dos veículos midiáticos e a Educação, e presenciando uma polêmica sobre os benefícios e os malefícios do poder da mídia. O assunto não se esgota; ao contrário, gera novos temas e tem novas implicações.

Nos últimos anos houve uma mudança na situação educacional da sociedade: nos anos 1960, as crianças eram “educadas” pelos pais e pela escola; hoje, esse papel está distribuído entre a televisão, os jornais, as revistas e a Internet. É, portanto, crescente a importância da mídia como instrumento de informação no cenário do país e como formadora de opinião. Se eliminarmos a ideia de que a educação deve se restringir à escola, quando, na verdade, está articulada com toda a sociedade como instrumento essencial na formação do indivíduo, os meios de comunicação poderão ser vistos como auxiliares na construção da cidadania. Para isso é necessária, por um lado, a

conscientização dos profissionais da mídia de seu papel como agentes dos processos educativos em favor da população; por outro, a formação de educadores para dialogarem com a mídia e serem críticos dos veículos. (...)

Alguns veículos de comunicação, muitas vezes, são alvo de muitos estudos e pesquisas, como a TV, o jornal e a Internet. Outros são menos discutidos, como o rádio, algumas revistas de circulação nacional e o cinema. Necessitamos, entretanto, de reflexões sobre todos os meios, dos mais simples aos mais sofisticados, e sobre como a mídia e a Educação podem se relacionar para que haja a interatividade necessária à constituição do sujeito, pois o *eu* só se constrói na relação com o *outro*.

Procuramos trazer para o debate as possibilidades de uso da mídia em prol da formação do cidadão, a diversidade temática e de opiniões, bem como formas de leitura de tais meios, que têm trazido uma nova discursividade, uma nova linguagem que, é lógico, necessita de estudos e debates para que se possa conhecê-la e tirar proveito para o trabalho pedagógico.

Além de lugar de entretenimento, de transmissão de programas culturais e de informação sobre os fatos sociais, os grandes meios de comunicação de massa brasileiros têm se constituído em um espaço de divulgação científica, ajudando a compor uma nova cultura científica no país, inclusive integrando grupos de diferentes níveis sociais e econômicos, cuidando para que a forma de divulgação e a linguagem sejam acessíveis a diferentes camadas da população. Uma série de temas socialmente relevantes tem sido explorada pelos meios midiáticos. É claro que não só de aspectos positivos alimentam-se tais meios. É necessária a visão crítica do leitor, que analise aspectos legais e éticos até mesmo na divulgação científica. Mais ainda nos demais tipos de programação.

Os meios de comunicação são competitivos entre si e isso deve(ria) fazer aumentar sua qualidade, desde que a visão de mercado que os move não se sobreponha às exigências da opinião pública de formação crítica e consciente. A mídia informativa e crítica deve ser capaz de aparelhar minimamente cidadãos interessados para tomar parte em debates nacionais de grande importância – político, econômico, científico, social e cultural.

O binômio comunicação/educação tem um potencial transformador da sociedade. A mídia sozinha não muda o comportamento das pessoas, pois ao lado dela existem outros mecanismos e agências socializadoras como a família, a Igreja, o grupo profissional, a comunidade e a escola; assim, é imprescindível conhecer com profundidade os vários meios de comunicação para que se possa criticá-los e usufruir de seus benefícios. A Educação deve mostrar o caminho para isso.

Estudar os veículos midiáticos e propor novos modos de lê-los é o grande desafio para os educadores e para a escola, que continuará seu papel de investir na construção do saber, não se omitindo de participar dos acontecimentos ao seu redor. (...) Enquanto houver este espaço, vamos continuar a falar em mídia, pensar em mídia.

Armadilhas da mídia, 2007

Os conteúdos da mídia têm sido estudados, debatidos e criticados em lugares privilegiados como congressos, seminários, salas de aula e em produções acadêmicas, científicas e jornalísticas. Entretanto, isso não basta, pois o público presente a tais

eventos é extremamente pequeno em relação à população brasileira, e os estudiosos que discutem o conteúdo midiático são poucos em um país de escassos leitores.

Pesquisas de mercado e avaliações de desempenho de alunos do ensino médio comprovam que o brasileiro lê muito pouco. Instaura-se, aí, um círculo vicioso: o jovem que não lê se transforma no adulto que se mantém afastado dos livros e jornais (ou no professor sem leitura, ao qual falta a consciência crítica para o exercício do educar). Sem capacidade para refletir sobre os problemas do mundo, não consegue compreender suas implicações nem contribuir para soluções. Alienado, satisfaz-se com mediocridades, quer de entretenimentos quer de ambições, encontrando conforto nos seus iguais, que, por não questionarem, acomodam-se.

O silogismo que aí se apresenta indica graves consequências sociais, como o desemprego por falta de qualificação profissional, a disseminação da pobreza e a violência entre os jovens por falta de perspectiva. Se a competência para análise da realidade é dada pela leitura de mundo que outros fizeram e fazem, registrando-as em seus textos, aquele que não lê ou lê muito pouco (é preciso considerar-se o que e como lê) tem pouca capacidade crítica. Essa é a grande armadilha.

À consciência ingênua dos iletrados impõem-se, com facilidade, as ideologias dos dominantes. Percebe-se, assim, a enorme influência dos veículos midiáticos do mundo capitalista sobre a vida dos brasileiros de todas as idades. Os meios de comunicação (e vamos considerar, aqui, especialmente, o poder da televisão, cujas imagens são facilmente digeríveis) encarregam-se de impor sua versão dos fatos, seu modo de olhar a sociedade, de divulgar sua avaliação dos problemas, sempre à luz dos interesses dos que detêm o poder econômico e político.

São muitas as suas armadilhas: propagandas enganosas; estímulo desleal ao consumismo desenfreado; filtragem de notícias pelas agências internacionais e, depois, uma segunda, pelos editores dos jornais televisivos; imagem maquiada da vida glamurizada nas novelas dos horários nobres; banalização e inversão de valores em programas de auditório de grande audiência etc. Ora, quem não dispõe de outros meios para educar-se, não lê, naturalmente não tem capacidade para selecionar, avaliar, criticar o que vê na tela, assimilando seu conteúdo de forma passiva. Quem não dispõe de recursos materiais e intelectuais para desfazer equívocos, quebrar barreiras e desarmar as armadilhas da mídia não terá poder de decisão sobre o próprio futuro e será iludido pelo brilho da tela de TV ou pelo *outdoor* da última marca de cerveja lançada no mercado.

Obviamente, a mídia não é a responsável pelas mazelas sociais, pelo número de analfabetos em nosso país, pela injusta distribuição de renda e pela corrupção espalhada na política. Ela tem compromisso com o público, investiga, denuncia, aponta problemas e sugere soluções. Informa e forma opinião. Incorpora os anseios sociais, as dificuldades do cotidiano do povo, refletindo interesses presentes nos diversos setores do mundo moderno. Mas é tão grande o poder que lhe tem sido dado, que influi na criação e modificação dos valores morais e estéticos do brasileiro e – até mais do que a família e a escola, em muitos casos – na formação dos jovens. Ela produz sentidos. A pergunta é: serão lidos, entendidos, interpretados por aqueles que, em sua grande maioria, não têm nem tempo nem cultura suficientes para criticar aquilo que lhes é mostrado? Grande armadilha... Será possível quebrá-la?

Apenas a educação é capaz de fazê-lo. A ênfase no ensino da leitura de textos dos mais diferentes tipos é o caminho para que o indivíduo possa ler criticamente a

produção dos meios de comunicação sem se deixar manipular. Cabe à escola descobrir e fazer os jovens descobrirem as sedutoras armadilhas que lhes são impostas.

Além das armadilhas da mídia, há outras a serem quebradas: sociais, educacionais, culturais, políticas, econômicas etc. As discussões sobre o assunto devem incluir propostas de ações em diversos setores, com a criação de espaços de luta contra preconceitos, desigualdades e injustiças. Indignar-se, protestar contra dissonâncias, propor soluções que beneficiem os cidadãos e dividir boas experiências são formas positivas de participação no processo. É preciso aproveitar o que há de positivo na mídia e fazer dela uma grande aliada na transformação da sociedade.

Temos o propósito de criar espaços de discussão sobre as armadilhas da mídia e sobre as possíveis formas de quebrá-las; de oportunizar reflexões sobre sua produção e recepção. É necessário lutar coletivamente para que o ler e o escrever sejam direitos fundamentais do homem, pois só assim, a partir dessa conquista, ele poderá transformar sua realidade. Só com educação e leitura se pode construir uma sociedade mais justa.

Para ler a mídia: educação, 2009

A interface entre os meios de comunicação, a educação e a linguagem, especificamente no que se refere à leitura e à interpretação, vem sendo discutida há tempo e, cada dia mais, aumenta a responsabilidade de educadores e profissionais da mídia sobre seus efeitos no cotidiano das pessoas. A influência dos veículos midiáticos é notória e estudá-la possibilita a compreensão do sujeito e do mundo contemporâneo, do qual a descontinuidade, a fragmentação, a ruptura e os deslocamentos fazem parte, provocando a pluralização das identidades. O indivíduo que recebe tantas experiências mediadas em sua rotina diária filtra e seleciona o que lhe interessa. Entretanto, devido ao grande fluxo de informações, muitas vezes, sente-se perdido e, paradoxalmente, solitário na tarefa de encontrar sua identidade. Os homens constroem e solidificam seus valores a partir dos materiais simbólicos disponíveis e o acesso a tais elementos não se dá igualmente a todos. Assim, é por meio da educação que novas propostas de ação e experiências positivas poderão surgir.

Um dos desafios educacionais é, no cenário atual, fazer da mídia uma grande aliada na transformação social. Procuramos trazer para o debate as possibilidades de uso dos veículos midiáticos em prol da formação do cidadão, bem como formas de leitura de tais meios, que têm trazido uma nova discursividade, uma nova linguagem que, é lógico, necessita de estudos e debates para que possamos conhecê-la e tirar proveito para o trabalho pedagógico. Objetivamos provocar a reflexão dos envolvidos com a mídia, a educação e a linguagem sobre os caminhos a seguir e gerar, então, mudanças de atitude que possam aprimorar a sociedade.

A mídia e a educação nos COLEs

Ao resumir (os resumos d)os encontros realizados², notamos que alguns objetivos se repetem, que as relações entre as partes do tripé – mídia, educação e leitura – se mantêm e que os problemas continuam, embora soluções e novas ideias sempre surjam em meio ao entusiasmo e à inspiração dos participantes: palestrantes, pesquisadores, educadores, estudantes e, por que não, agentes da mídia dispostos a construir uma sociedade de leitores críticos e criativos. É impossível dar conta das reflexões e discussões que nossos encontros propiciaram, entretanto, é fácil perceber o benefício intelectual que, juntos, propiciamos a nós mesmos. O retorno ao trabalho foi revigorado após cada congresso. As novas leituras e troca de experiências nos tornaram mais competentes.

A solução para não permitirmos que o conteúdo midiático avaliado como negativo nos manipule é mais leitura. Leitura crítica como toda ela deve ser. Não faz sentido que a leitura não seja crítica. Se é leitura, é reflexão, interpretação, interação com outros textos e com o outro (sujeito). No contexto em que vivemos hoje, a preocupação central deve ser com a forma de educar e promover os momentos de leitura. Concordamos com Guareschi e Biz (2005: 135) quando dizem que:

a aprendizagem mais necessária e importante aos educandos de hoje é aprender a *selecionar, a escolher*. A oferta de material e de estímulos é extremamente abundante. Temos tudo, por todos os lados, em todos os sentidos. Mas se nos faltar um critério de escolha acabaremos afogados pela abundância de dados oferecidos.

Por ser difícil imaginar o mundo, hoje, sem os meios de comunicação, as relações de poder que deles advêm tornam-se fundamentais para determinar o modo de vida contemporâneo. Sem dúvida, de “uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno” (Thompson, 1998: 19).

Antigamente, a família, a escola e a Igreja tinham papéis bem definidos de embasamento na formação do cidadão. Hoje, a mídia determina os valores éticos e estéticos a serem seguidos, informa, forma opinião, dita regras de conduta e conduz o pensamento de crianças, adolescentes e adultos. O jornalista Arbex Jr. (2003: 188) sintetiza sua enorme importância na sociedade atual: “a mídia é um componente-chave desse momento da história contemporânea, por ser o palco em que se dá o embate entre os campos de luta. É ela que dá visibilidade ao debate, constrói as narrativas, fabrica consensos”.

Os novos fatos devem ser estudados na escola, que continuará seu papel de investir na construção do saber, não se omitindo de participar dos acontecimentos ao seu redor. Ainda nesse sentido, citamos Citelli (2000: 35) que defende a ideia de que a inserção da escola no *ecossistema comunicativo* é um desafio para todos os educadores:

² As discussões sobre o tema tornaram-se momentos de estudo e trabalho na companhia de alunos, professores, escritores e pesquisadores em geral. Gente famosa e gente silenciosa, escondida lá num cantinho, mas estudiosa, interessada. Uma grande experiência, uma bela história!

A escola, enquanto instituição privilegiada no contexto da formação da sociabilidade, deve otimizar o seu papel, 'ampliando o conceito de leitura e aprendizagem', equipando-se para entender melhor os significados e os mecanismos de ação das novas linguagens, interferindo para tratar as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa à luz do conceito de produção dos sentidos, algo que se elabora por uma série de mediações e segundo lugares específicos de constituição, que incluem interesses de grupos, valores de classes, simulacros, máscaras etc.

Não concluímos as reflexões, aqui, pelo contrário: aguardamos, sempre, novas oportunidades para reiniciar o debate.

Referências

ARBEX JR., José. *O Jornalismo Canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder*. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

CITELLI, Adilson O. Educação e mudanças: novos modos de conhecer. CITELLI, Adilson O. (coord.) *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. Coleção Aprender e ensinar com textos, v.6, São Paulo: Cortez, 2000, p.17-38.

GHILARDI, Maria Inês. Mídia, poder, educação e leitura. BARZOTTO, Valdir Heitor e GHILARDI, Maria Inês (orgs.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: ALB e Anhembi Morumbi, 1999, p.103-112.

GUARESCHI, Pedrinho e BIZ, Osvaldo. *Mídia, educação e cidadania*. Tudo o que você deve saber sobre mídia. 2.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SIQUEIRA, Ethevaldo. Dez tecnologias que mudam nossa vida. SIQUEIRA, Ethevaldo (org.). *Tecnologias que mudam nossa vida*. São Paulo: Saraiva, 2007, p. 14-47.